



UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
Faculdade de Direito e Relações Internacionais
Curso de Relações Internacionais – FADIR

LUIZ PAULO GOMES PIMENTEL

O ESTUDO DA TEORIA DA GUERRA DE QUARTA GERAÇÃO
NA SEGUNDA GUERRA DO GOLFO (2003)

Dourados – MS

2013

LUIZ PAULO GOMES PIMENTEL

**O ESTUDO DA TEORIA DA GUERRA DE QUARTA GERAÇÃO
NA SEGUNDA GUERRA DO GOLFO (2003)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora da Universidade Federal da Grande Dourados, como pré-requisito para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Tomaz Espósito Neto.

Dourados – MS

2013

LUIZ PAULO GOMES PIMENTEL

O ESTUDO DA TEORIA DA GUERRA DE QUARTA GERAÇÃO NA SEGUNDA GUERRA DO
GOLFO (2003)

Artigo apresentado publicamente e aprovado em ____/____/____ pela Banca Examinadora
constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Tomaz Espósito Neto
Presidente da Banca

Prof. Me. César Augusto Silva da Silva
Membro

Prof. Me. Hermes Moreira Junior
Membro

RESUMO

O estudo da guerra clássica desenvolvido por Clausewitz influenciou a formulação de doutrinas de emprego militar por quase dois séculos, e passa por fortes questionamentos desde o fim da guerra fria. Teóricos questionam o fim do Paradigma Clausewitziano e buscam uma atualização do conhecimento sobre a guerra. Dentre as diversas novas teorias tem-se a Teoria das Gerações de Conflitos, descrita por Willian Lind em 1989. Esta pesquisa propõe-se a analisar a aplicabilidade da Teoria das Gerações de Conflitos, mais precisamente quanto à verossimilhança da Quarta Geração de Conflitos Armados (Conflitos de Quarta Geração) em relação à realidade das guerras ocorridas após o fim da guerra fria. A metodologia empregada será o teste teórico de Conflitos de Quarta Geração para um estudo de caso da Segunda Guerra do Golfo de 2003, para, findo este trabalho, verificar se a Teoria dos Conflitos de Quarta Geração é um modelo teórico consistente para a aplicação na definição das novas doutrinas de emprego das forças armadas.

Palavras-Chave: Clausewitz, Guerra de Quarta Geração, Segunda Guerra do Golfo, Iraque, RAM.

ABSTRACT

Classic War's Studies by Clausewitz embased military doctrine definitions for almost two centuries, and nowadays has been very criticized since Cold War end. Academics doubts about Clasewitz's Paradigma and tryies to update the knowledge about war. Among these new studies, there is The Fourth Generation Warfare Theory, developed by Willian Lind in 1989. This paper is proposed to analise how The Fourth Generation Warfare Theory could be aplyed to describe warfare conflicts after Cold War end. The metodology of this paper is a Fourth Generation Warfare Theory theoric exam, lookinf to Second Gulf War in 2003 with the objective to certify if The Fourth Generation Warfare Theory is a consistant theoric model to define new doctrines of armed forces aply.

Key-words: Clausewitz, The Fourth Generation Warfare Theory, Second Gulf War, Iraq, Military Affair Revolution.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	07
2. DA GUERRA CLÁSSICA À GUERRA DE QUARTA GERAÇÃO	10
2.1 O Paradigma Clausewitziano	10
2.2 A Teoria das Gerações de Guerra e a Guerra de Quarta Geração	12
3. A SEGUNDA GUERRA DO GOLFO SOB O PRISMA TEÓRICO DAS GUERRAS DE QUARTA GERAÇÃO	16
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
REFERÊNCIAS	22

1. INTRODUÇÃO

A guerra é um fenômeno intrinsecamente ligado à natureza humana. Na descrição da natureza humana, Thomas Hobbes a considerou belicosa desde o estado de natureza (HOBBS, 2013). Este pressuposto hobbesiano foi acompanhado por inúmeros autores, dentre eles o historiador da guerra da Academia Militar de *SandHurst* do Reino Unido, John Keegan (2006), que de maneira mais profunda e abrangente, escreveu que “a guerra precede o Estado, a diplomacia e a estratégia por vários milênios. A guerra é quase tão antiga quanto o próprio homem”. Com descrições cruentas de relatos de guerra desde a antiguidade clássica até as guerras napoleônicas, seu livro “Uma História da Guerra” discorre por várias páginas sobre o general prussiano Carl Von Clausewitz, descrevendo-o como

um homem de seu tempo, filho do Iluminismo, contemporâneo dos românticos alemães, um intelectual, um reformista prático, um homem de ação, um crítico de sua sociedade e um apaixonado crente na necessidade de mudá-la. Era um observador perspicaz do presente e um devoto do futuro (KEEGAN, 2006).

As observações perspicazes de Clausewitz sobre as campanhas militares durante as guerras napoleônicas foram consolidadas num compêndio sobre como um país deve se preparar, entrar e lutar numa guerra. Constituíram, também, o principal escopo teórico do estudo da guerra, desde então, conhecido como o Paradigma Clausewitziano da Guerra Clássica.

Clausewitz é um dos pensadores estudados nas academias militares – os fatores de decisão a serem considerados pelos comandantes militares de quaisquer escalão são os preconizados por Clausewitz no Livro 5 de *Da Guerra* - e é o principal formulador dos princípios da guerra clássica. Academicamente, Clausewitz é o autor do paradigma da guerra clássica moderna, e seus postulados foram aceitos quase unanimemente nos exércitos ocidentais até o fim da Guerra Fria¹.

A obra de Clausewitz, entretanto, se propõe incompleta (CLAUSEWITZ, 2012, p. 718). O próprio autor defende que seus pressupostos podem ser modificados ao sabor da nova realidade das relações internacionais. Após quase dois séculos da sua publicação, as relações internacionais modificaram-se a tal ponto que talvez seja o momento da reformulação prevista pelo próprio Clausewitz.

1 “O pensamento político-estratégico de Clausewitz marcou profundamente a mentalidade militar Ocidental nos séculos XIX e XX”. ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO, (2011, p 23).

Depois de inúmeras guerras ocorridas, tanto a tecnologia quanto a realidade internacional e a conformação das forças políticas se alteraram a ponto de se questionar a validade de algumas das categorias Clausewitzianas da guerra. Novas ameaças distintas dos Estados, tais como o terrorismo internacional, as guerras assimétricas, as armas estratégicas e de destruição em massa, as guerrilhas, forças irregulares, o enfraquecimento do Estado Nacional e das soberanias, e a comunicação global em massa e em tempo real nublaram as certezas das previsões baseadas nos princípios Clausewitzianos sobre como as guerras se procederiam.

Diante da provável desatualização do modelo teórico Clausewitziano, outras tentativas de redefinir como serão as guerras surgiram sem, contudo, constituir um conjunto teórico unificado, no que largamente pode ser conceitualmente situado no bojo de uma Revolução dos Assuntos Militares (RAM), definida como a “reunião de uma combinação complexa de inovações táticas, organizacionais, doutrinárias e tecnológicas para a implantação de uma nova abordagem conceitual em relação à guerra ou a um sub-ramo especializado dela” (KNOX; MURRAY, apud STEPHENSON, 2010).

Outros autores também questionaram a utilização do Paradigma Clausewitziano para os conflitos atuais como Pedro Correia (CORREIA, 2002) e Carlos Eduardo M. Viegas da Silva (SILVA, 2003). Novas temáticas não-Clausewitzianas como o terrorismo e os movimentos de resistência foram trabalhados por Alessandro Visacro (VISACRO, 2011), a Guerra Irregular por Gregory Wilcox (WILCOX, 2004), a Guerra Assimétrica e o Terrorismo por Martha Creshaw e a influência da era da informação nas guerras por Carlos Jorge de Oliveira Ribeiro (RIBEIRO, 2012). Contudo, foi Willian Lind (LIND et. al., 1989) quem primeiro reuniu as principais ideias num único argumento, faseado em gerações de guerra, denominado Conflitos de Quarta Geração. Este último modelo, mesmo sob as críticas de Antulio Echevarria II (ECHEVARRIA II, 2012) de que é um mero compêndio de concepções anteriores sem nenhuma novidade conceitual, teve maior destaque em revistas especializadas por ser o primeiro, o mais abrangente e ter previsto com relativo acerto características dos conflitos do pós-guerra fria.

Este trabalho tem como objetivo testar o modelo teórico de Conflitos de Quarta Geração. Para tanto, optou-se pelo estudo de caso da Segunda Guerra do Golfo e, pautado no método indutivo, verificar se o conflito em questão é um típico Conflito de Quarta Geração.

A opção pela Segunda Guerra do Golfo de 2003, também conhecida como Guerra do Iraque de 2003 ou Segunda Guerra do Iraque, se justifica porque nela constam novos fatores e atores internacionais que inexisteriam à época de Clausewitz, tais como a Organização das Nações Unidas, organizações não-governamentais, o Direito

Internacional dos Conflitos Armados das Convenções de Genebra, grandes grupos midiáticos e grupos de insurgência nacionais. Por outro lado, a Segunda Guerra do Golfo também foi um conflito que guardou pontos do antigo Paradigma Clausewitziano, como o protagonismo dos Estados, as motivações políticas e o objetivo militar de derrotar as forças armadas do oponente.

Como em toda guerra, a Segunda Guerra do Golfo desperta curiosidade sobre sua motivação, que teriam levado os Estados Unidos a deslocar quase 290 mil militares para o outro lado do globo (PIMENTEL, 2007) a fim de derrubar um governante de um pequeno país. Esta guerra também já foi objeto de trabalho de conclusão de curso deste formando, o qual possui familiaridade com o tema em questão.

Como bibliografia de apoio para o estudo de caso da Segunda Guerra do Golfo, o autor utilizou, como fonte principal, sítios norte-americanos e árabes de notícias na internet. Subsidiariamente, entrevistas também serão trabalhadas para corroborar as colocações dos órgãos oficiais norte-americanos e midiáticos.

Além da introdução e das considerações finais, o texto está dividido em duas partes. O primeiro capítulo do artigo traça uma trajetória iniciada com o modelo teórico clássico do Paradigma Clausewitziano e sua crise, passando pelo surgimento de novas teorias para a guerra, e culminando com a Teoria das Gerações de Conflitos descrita por Willian Lind em 1989.

O segundo capítulo interrompe a digressão teórica para situar o leitor na Segunda Guerra do Golfo, com uma curta ambientação sobre a Segunda Guerra do Golfo de 2003 e, posteriormente, realizar o esforço propulsor desta pesquisa, ao analisar de forma direta se a Teoria dos Conflitos de Quarta Geração encontra respaldo nas passagens da Segunda Guerra do Golfo.

Por fim, nas considerações finais, haverá um breve compêndio da teoria das gerações de guerra, no qual as críticas e os acertos será o delimitador da utilidade desta teoria para as formulações de doutrinas militares, responsáveis por gastos da ordem de 1,5 trilhões de dólares anuais em todo o mundo (STOCKHOLM INTERNATIONAL PEACE RESEARCH INSTITUTE, 2010).

2. DA GUERRA CLÁSSICA À GUERRA DE QUARTA GERAÇÃO

Desde a obra iniciadora do Paradigma Clausewitziano até os dias atuais, e as diferenças tecnológicas entre o início da Era Industrial e a era da informação global em tempo real, ou mesmo os quase duzentos anos que separam o concerto europeu do Congresso de Viena em 1815 às reuniões da Assembléia Geral das Nações Unidas, todos são exemplos de parâmetros para situar o distanciamento entre as duas épocas a serem estudadas neste capítulo. Assim como a nova conformação política internacional e os novos avanços tecnológicos, a guerra sofreu muitas alterações desde os tempos de Clausewitz.

2.1 O Paradigma Clausewitziano

Carl Von Clausewitz, general prussiano do início do século XIX, após larga experiência prática nas guerras napoleônicas e vivenciando o ambiente de profundas transformações econômico-sociais das revoluções industrial e francesa como um homem de seu tempo, elaborou uma descrição das suas observações sobre os conflitos bélicos de sua época: “Da Guerra”, livro de publicação póstuma, propositalmente incompleto, foi uma tentativa em consolidar o que provavelmente seriam os princípios imutáveis da guerra², pois para Clausewitz, a mesma segue leis que podem ser perenes (CLAUSEWITZ, 2012, p. 703).

Clausewitz descreveu um modelo teórico de guerra que o próprio reconhece como mutável, o qual o tempo e a situação internacional podem modificar as formas de se preparar e se combater as guerras (CLAUSEWITZ, 2012, p. 703). Contudo, nos dias atuais, percebe-se que o que Clausewitz considerou como leis gerais e perenes das guerras, (CLAUSEWITZ, 2012, p. 704) também sofreram influências dos progressos tecnológicos e da nova situação política internacional do pós-guerra fria.

Clausewitz, como homem de seu tempo, percebia o mundo europeu logo após as guerras napoleônicas dotado de uma realidade fragmentada e de difícil análise da sua completude, e desprezou de forma consciente as quase infinitas variáveis envolvidas na definição dos objetivos, preparativos e formas de se travar as guerras.

2 Clausewitz codificou, nos Livros 2 a 7 da obra *Da Guerra*, os mesmos princípios da guerra propostos por Sun-Tzu em *A Arte da Guerra*, e por Antoine Henri Jomini em *Précis de l'Art de la Guerre*.

Avaliar estas coisas (variáveis) em todas as suas ramificações e em toda a sua diversidade é simplesmente uma tarefa colossal. Uma avaliação rápida e correta delas exige evidentemente a intuição de um gênio. Dominar toda esta massa complexa de puro exame teórico é obviamente impossível (CLAUSEWITZ, 2012, p. 693-694).

A repercussão das ideias Clausewitzianas, muito além das citadas neste trabalho, inspirou governantes e generais durante as décadas que o sucederam. Os pontos que definem o modelo Clausewitziano foram extraídos dos livros 1 e 8 de *Da Guerra*. Estes dois livros, o segundo uma continuação teórica do primeiro, tratam dos aspectos mais gerais da guerra, mais aproximados de seus contornos políticos do que técnicos da execução bélica.

Os principais pontos do Paradigma Clausewitziano, considerados mais adequados para o presente artigo, são que “a guerra, nada mais é, que um duelo em grande escala” (CLAUSEWITZ, 2012, p. 75). No início do século XIX as guerras limitavam-se ao exercício do poderio militar das unidades políticas definidas no Tratado de Vestifália de 1648, isto é, Estados Nacionais eram os únicos atores admitidos como capazes de promover a guerra, e portanto, antes a serem considerados nos estudos sobre a guerra.

Outra passagem relevante é a afirmação de que “a guerra não é meramente um ato de política, mas um verdadeiro instrumento político” (CLAUSEWITZ, 2012, p. 91). A visão de Clausewitz associava a guerra a fenômenos exclusivamente políticos, pois sob o ponto de vista do Estado Absolutista até então dominante, todas as atividades advindas da guerra são de proveito estatal, e portanto, político.

A vitória no campo de batalha era determinada pela destruição das forças militares do inimigo, pois segundo Clausewitz (2012, p. 105), “de todos os possíveis propósitos existentes na guerra, a destruição das forças armadas do inimigo sempre surge como sendo o mais elevado”. Variando-se apenas em grau, a única vitória final admitida na guerra é a vitória sobre as forças militares. Um dos possíveis objetivos das guerras era negociar termos de paz numa situação favorável, e a mais favorável delas é a destruição das forças militares do inimigo. Guardando-se a devida relação com definição de guerra do próprio Clausewitz, o usufruto da vitória na guerra baseia-se unicamente a “torná-lo [o inimigo] politicamente incapaz ou militarmente impotente, forçando-o assim a assinar qualquer tratado”(CLAUSEWITZ, 2012, p. 70).

Também deve ser ressaltada o princípio Clausewitziano de que a batalha é o único meio que a guerra pode empregar para atingir seus propósitos. Sendo o principal propósito da guerra a vitória, não se imaginava, no tempo de Clausewitz, outra forma de alcançar a vitória senão por meio de batalhas, ou “duelos em grande escala” (CLAUSEWITZ, 2012, p. 75). Os propósitos das guerras podem ser principais

(destruição das forças militares do inimigo) ou secundários (ganhar tempo ou assegurar o acesso a determinada área), contudo todos estes propósitos elencados por Clausewitz são indissociavelmente relacionados a assuntos puramente político-militares.

Essas categorias fazem parte de um conjunto teórico utilizado ainda hoje. Entretanto, já haviam indícios de falência em alguns pontos do Paradigma Clausewitziano a partir da segunda metade do século XX, tais como a exploração midiática da Guerra do Vietnã, os movimentos de guerrilhas separatistas, insurgências islâmicas e forças irregulares de oposição ao Estado na Colômbia, o genocídio nos Bálcãs, a transmissão em tempo real de imagens do teatro de operações da Primeira Guerra do Golfo em 1991 e a criação do Tribunal Penal Internacional. Todos estes fatos conformaram um ambiente propício à crença de que cada vez mais os conflitos armados seriam influenciados por fatores que extrapolam às variáveis trabalhadas no Paradigma Clausewitziano, e que o mesmo não seria mais adequado para os conflitos que sobreviriam.

2.2 A Teoria das Gerações de Guerra e a Guerra de Quarta Geração

Os indícios da falência do Paradigma Clausewitziano, associados à realidade fragmentada do cenário político internacional, a reunificação alemã em 1989 e a implosão da União Soviética em 1991, o fim da bipolaridade e as incertezas dos papéis dos países, sobretudo da antiga superpotência capitalista, expuseram mais incertezas sobre o que adviria no campo militar.

Cientes das mudanças e preparando-se para melhor se adequarem a uma realidade que ainda se descortinava, vários especialistas de centros de estudos militares, como por exemplo o *Strategic Studies Institute* e o *US Army Combined Arms Center – Fort Leavenworth*, ambos do Exército dos Estados Unidos, procuraram sistematizar o conhecimento previamente acumulado sobre a evolução dos conflitos desde o início do Paradigma Clausewitziano.

O novo momento de questionamento do Paradigma Clausewitziano, próprio de uma nova geração de estudiosos dos conflitos do século XXI, foi definido como uma nova repetição da Revolução em Assuntos Militares (RAM) como a vivida por Clausewitz, conceituada como “reunião de uma combinação complexa de inovações táticas, organizacionais, doutrinárias e tecnológicas para a implantação de uma nova abordagem conceitual em relação à guerra ou a um sub-ramo especializado dela” (KNOX; MURRAY, *apud* STEPHENSON, 2010).

A importância da RAM para os Estados Unidos, por exemplo, implicou em profundas alterações que podem ser dimensionadas pelas consequências citadas por Stephenson (2010): “reformulação da doutrina, a reforma das estruturas organizacionais e o dispêndio de grandes quantias em novos sistemas de armas”.

Nesse contexto da RAM, reunindo as principais ideias anteriores num todo lógico e coerente, Willian Lind descreveu em 1989, em um artigo para a revista *Military Review* do Exército dos Estados Unidos, o que seria o marco teórico da sua proposta de modelo de conflitos para a nova realidade fragmentada e repleta de incertezas, denominado Modelo das Gerações de Guerra.

Lind apresentou uma proposta de divisão histórica das guerras em quatro gerações distintas, que se diferenciam quanto ao aparato tecnológico disponível e na relação entre a manobra e o poder de fogo. A primeira geração da guerra seria a que dispunha as forças militares de dois países em linha, com rígida hierarquia e disciplina, manobras militares a pé, combates corpo-a-corpo e reduzido alcance das armas de fogo. Como exemplo, Lind citou as guerras napoleônicas.

A Primeira Guerra Mundial seria o exemplo da segunda geração de guerras, com o advento do carro de combate, metralhadoras automáticas, aviões e supremacia do poder de fogo em detrimento da capacidade de manobra. A terceira geração de guerras teria sua gênese em algumas operações na segunda guerra mundial, com o emprego de tropas aerotransportadas e anfíbias dotadas de alta mobilidade que acabaram com a linearidade do campo de batalha. Seu artigo culmina com o questionamento de como seria a Guerra de Quarta Geração, mas sem arriscar muitos prognósticos, pois “o propósito deste artigo é de perguntar, e não de responder [...] como será a guerra da Quarta Geração?” (LIND et. al., 1989).

Passadas quase duas décadas de tentativas de delimitar o que seria o Conflito de Quarta Geração, Alessandro Visacro (2011) consolidou as ideias levantadas e, respondendo ao questionamento de William Lind, caracterizou o que seriam as Guerras de Quarta Geração de forma mais clara, definida e concisa, motivo este que fundamenta a escolha deste autor a partir deste momento.

Se, de acordo com o Paradigma Clausewitziano, a guerra é um duelo entre dois países, na Quarta Geração de Guerras, com a “perda do monopólio estatal sobre a guerra” (VISACRO, 2011, p. 52) e a “fragmentação das ameaças, com predomínio de ameaças não estatais. Quebra do pretense monopólio estatal sobre a aplicação da força coercitiva. Ambiente de incertezas e configuração difusa” (VISACRO, 2011, p. 49), não se pode mais afirmar com certeza que todas as guerras terão somente atores estatais. “O conceito de guerra de 4ª geração é esclarecedor e rompe, definitivamente, com o estereótipo, ainda tão arraigado, da guerra como a mera confrontação formal e direta

entre duas Forças regulares de Estados Nacionais antagônicos” (VISACRO, 2011, p. 53)

A política perde a finalidade maior em relação à guerra, que deixa de ser uma simples continuação da primeira. O “confronto de identidades culturais locais, moldado por aspectos políticos, econômicos, sociais e ambientais” (VISACRO, 2011, p. 49) ampliou o horizonte de campos a serem considerados no processo decisório pré e pós Guerras. “O conflito armado é visto, simultaneamente, como fenômeno político e social” (VISACRO, 2011, p. 49).

A definição da vitória na Guerra de Quarta Geração não mais se limita ao campo militar. O conceito de vencedores e perdedores numa guerra espalha-se nos aspectos políticos, ambientais, sociais, econômicos e culturais, cujos embates se deram com “ênfase na luta pelo apoio da população” (VISACRO, 2011, p. 49). A vitória militar não significa vitória plena na guerra, pois “aquele que ‘vence’ nos níveis tático e físico pode perder nos níveis operacional, estratégico, mental e moral, onde se decide a guerra da Quarta Geração” (LIND, 2005, p. 15).

O uso político das vantagens conquistadas na vitória militar passa a ser essencial nas Guerras de Quarta Geração. Hoje a guerra tende a priorizar “os objetivos psicológicos em detrimento dos objetivos físicos” (VISACRO, 2011, p. 52) pois mostra-se mais forte a ligação ou mesmo mesclam-se os objetivos militares e os objetivos políticos. O objetivo maior da guerra, além dos alvos militares, é “auferir resultados psicológicos [e] afetar a opinião pública” (VISACRO, 2011, p. 54). Cabe uma ressalva ao que seria opinião pública, definida aqui como conjunto dos posicionamentos e consequente pressão social e política sobre os agentes decisórios, se possível com utilização do “espaço na mídia e aceitação popular” (VISACRO, 2011, p. 54).

Um dos objetivos das guerras é negociar os termos litigiosos numa situação política favorável, com o máximo de pressões políticas a seu favor, sendo a mais favorável destas condições advinda unicamente da destruição das forças militares do inimigo, de acordo com o Paradigma Clausewitziano. Assim sendo, neste paradigma somente a guerra pode demover o inimigo de suas posições políticas e forçá-lo a mudar seus interesses.

Se, para o Paradigma Clausewitziano, a batalha é o único meio que a guerra pode empregar para atingir seus propósitos, a Guerra de Quarta Geração passa a considerar a “multiplicidade de meios (militares e não militares) empregados na condução da guerra, com ênfase em ações nos campos político, econômico e psicossocial, com prioridade sobre os esforços no campo militar” (VISACRO, 2011, p. 49). A Guerra de Quarta Geração não é mais linear e claramente definida em confronto de forças militares, pois segundo Lind (et. al., 1989) “usarão de muitas ferramentas

diferentes para combater, não se restringindo ao que reconhecemos como sendo forças militares”.

A quebra do monopólio militar nas ações bélicas abre-se para “destacada participação de atores não estatais antes, durante e após o desdobramento de tropas: mídia, organismos humanitários e agências do terceiro setor” (VISACRO, 2011, p. 50). Para tanto, há a ampliação das definições de “segurança e defesa: [como] conceito mais amplo e complexo, de caráter permanente, que transcende a esfera militar, caracterizando a interdependência de todos os campos do poder nacional” (VISACRO, 2011, p. 49).

A Guerra de Quarta Geração cresce em complexidade e grande aumento de variáveis consideradas, conforme previsto anteriormente por Clausewitz, e conta com a participação de “muitas entidades diferentes – não apenas os governos de países – travarão a guerra, e o farão por muitas razões distintas, não apenas como ‘uma promoção de políticas por outros meios’” (LIND, 2005, p. 17).

Mesmo sendo fruto de observações empiricamente comprovadas de Willian Lind, não se pode ainda afirmar categoricamente que a ideia de Guerra de Quarta Geração é o novo paradigma no qual as guerras do pós-guerra fria estão situadas. Carece, ainda, de estudos de caso para verificar a veracidade de suas categorias de forma consistente e repetida. O próximo capítulo conduz a um destes estudos de caso com a Segunda Guerra do Golfo, em 2003.

3. A SEGUNDA GUERRA DO GOLFO SOB O PRISMA TEÓRICO DAS GUERRAS DE QUARTA GERAÇÃO

A Segunda Guerra do Golfo foi o conflito armado promovido pelos Estados Unidos e forças aliadas contra o Iraque, em 2003, sob o pretexto de desarmar o Iraque de armas de destruição em massa, libertar o povo iraquiano da opressão ditatorial de Saddam Housseim e encerrar um programa de desenvolvimento de armas químicas que daria suporte a células terroristas internacionais (PIMENTEL, 2007).

Mesmo sem o aval do Conselho de Segurança das Nações Unidas e da Assembléia Geral da ONU, os Estados Unidos invadiram o Iraque em 19 de março de 2003, com mais de 290 mil homens e em questão de semanas a capital Bagdá foi tomada pelos norte-americanos. O presidente do Iraque na época, Saddam Housseim, foi preso em dezembro do mesmo ano, após liderar uma limitada resistência à ocupação americana (PIMENTEL, 2007).

Devido à limitação da existência de fontes históricas consolidadas sobre os fatos da Segunda Guerra do Golfo, a análise da correspondência entre teoria e caso concreto será, partindo das categorias da Guerra de Quarta Geração, a buscar da correspondência jornalística em fatos da Segunda Guerra do Golfo.

Visacro (2011) fala da “fragmentação das ameaças, com predomínio de ameaças não estatais. Quebra do pretense monopólio estatal sobre a aplicação da força coercitiva”. Este embasamento da Guerra de Quarta Geração encontra eco no texto “Lições a serem aprendidas com a Guerra do Iraque”, de Richard Falk, publicado no sítio da *Al-Jazeera* (2013), quando diz que:

os militares americanos e seus aliados atacam e ocupam um país não-ocidental - especialmente no mundo islâmico - e começam a dividir, matar e controlar seus habitantes, a resistência popular será mobilizada. Isto é exatamente o que aconteceu no Iraque, e os atentados suicidas nos dias de hoje sugerem que os padrões de violência extrema não cessarão, mesmo com o fim das atividades militares dos EUA (FALK, 2013)

Os atentados suicidas citados por Richard Falk são promovidos por grupos de resistência popular, e alcançam relativo sucesso em seus propósitos. No sítio do *New York Times*, Dexter Filkins destacou como manchete: “844 militares americanos mortos no Iraque em 2005” (FILKINS, 2013), e no mesmo espaço, dois anos depois, Damien Cave ressaltou que “2007 é o ano com mais mortes de tropas americanas no Iraque” (CAVE, 2013).

O que poderia impedir, ou numa hipótese mais realista, diminuir a mobilização da população iraquiana em torno de uma resistência armada seriam as ações de “ênfase na luta pelo apoio da população” (VISACRO, 2011, p. 49). As operações psicológicas de apoio da população iraquiana à ação militar norte-americana, provavelmente iniciadas antes da guerra, são retratadas na entrevista concedida pelo iraquiano Radha Abud Jabir à organização não-governamental “Projeto Bagdá”³. Na entrevista, Radha Abud Jabir diz que

Ficamos muito felizes com a chegada dos americanos, porque estávamos vivendo uma situação de terror que ninguém poderia imaginar. Nós ouvíamos todas aquelas histórias de que, quando os americanos chegassem, a vida seria melhor, mas aquilo tudo para nós era apenas um sonho (JABIR, 2013)

Nem sempre os efeitos das operações psicológicas de busca de apoio da população tem o resultado esperado. Para a mesma ONG, o iraquiano Sa’ad al Ajeely (2013) concedeu entrevista e relatou que

a razão para a resistência é porque os americanos não sabem lidar com a população local. Não estou dizendo que os americanos devam sair, mas que eles devam aprender a lidar com as pessoas da mesma forma com que eles lidam com seus meios de comunicação (AJEELY, 2013).

A Guerra de Quarta Geração tem o objetivo de ser midiática, tanto para a sociedade diretamente ocupada quanto para a que promove a ocupação. Com este claro objetivo de “auferir resultados psicológicos [e] afetar a opinião pública” (VISACRO, 2011, p. 54), o Exército norte-americano possui em sua organização institucional uma Divisão de Exército voltada para o contato com a imprensa. No sítio do próprio Exército Americano está explícito o propósito desta divisão, que é “*umentar a consciência pública e o entendimento das missões do Exército*” (UNITED STATES ARMY, 2013). Neste mesmo sítio há um espaço dedicado às análises de jornalistas civis sobre as operações militares, e é de uma destas análises que verifica-se a importância dada às relações com órgãos de imprensa e os esforços em controlar o que é divulgado a respeito das operações militares. Timothy Cunningham (2013) escreve que

O Comandante das Forças Armadas dos EUA no Iraque General Odierno informa a imprensa em geral com notícias sobre o Iraque. Mas outras lideranças civis e militares devem também envidar esforços para fazer a comunicação estratégica chegar até a mídia contemporânea. Eles também devem acompanhar como o universo da mídia vai continuar evoluindo (CUNNINGHAM, 2013)

3 “Projeto Bagdá: cem vozes e cem rostos para contar uma história sobre a guerra”. <http://www.baghdadproject.com>.

Não somente em relação aos meios de comunicação, mas também às outras áreas que passaram a ser ligadas às Guerras de Quarta Geração, tais como a “multiplicidade de meios (militares e não-militares) empregados na condução da guerra, com ênfase em ações nos campos político, econômico e psicossocial, com prioridade sobre os esforços no campo militar” (VISACRO, 2011, p. 49), a Segunda Guerra do Golfo mostra que não pode ser vencida apenas com operações militares, mas

a guerra de contrainsurgência somente pode ser vencida se [...] 80% das intervenções militares norte-americanas devem ser voltadas para aspectos não-militares do bem-estar das sociedades: manutenção da rede elétrica, proteção policial, construção de escolas, remoção de lixo e entulho e ações nas áreas de saúde e trabalho (FALK, 2013)

Ou seja: a integração entre elementos militares e não-militares do governo norte-americano com outros organismos internacionais de fomento à educação, saúde e segurança pública são essenciais para o sucesso pretendido numa Guerra de Quarta Geração.

Sendo assim, a “destacada participação de atores não-estatais antes, durante e após o desdobramento de tropas: mídia, organismos humanitários e agências do terceiro setor” (VISACRO, 2011, p. 50) é presença constante nas operações militares de Quarta Geração. Na Segunda Guerra do Golfo de 2003, segundo sítio da própria fundação, a “UNICEF pediu medidas urgentes para deter o que acredita ser a causa da queda do estado nutricional das crianças iraquianas” (FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA, 2013) com base em relatórios elaborados antes do início da guerra. Outro organismo presente neste conflito foi a Médicos Sem Fronteira, que num posicionamento mais audaz

desafia o governo dos EUA tanto a cooptar outras agências de ajuda humanitária para o esforço de guerra quanto a cumprir com suas responsabilidades de potência ocupante, como determina a lei humanitária internacional, e proporcionar assistência médica adequada aos civis (FRONTEIRAS, 2013)

Outro ator não-estatal diretamente envolvido com a Segunda Guerra do Golfo de 2003, mas sem a mesma projeção internacional das duas últimas citadas é o “Projeto Bagdá: cem vozes e cem rostos para contar uma história sobre a guerra”. Desenvolvido por dois jornalistas com experiência em cobertura de guerras, o projeto desta organização sem fins lucrativos é de dar voz a parcelas da população iraquiana diretamente afetadas pela guerra e mostrar um outro lado da história, em geral desconhecido pelos que acompanham o conflito apenas pela mídia. Em seu sítio na rede mundial de computadores encontram-se entrevistas e fotos de cidadãos iraquianos com

relatos pessoais de como a guerra mudou suas vidas, sendo fonte para citações neste artigo.

Por fim, o Conflito de Quarta Geração “é visto, simultaneamente, como fenômeno político e social” (VISACRO, 2011, p. 49). Uma das diferenças em relação ao Paradigma Clausewitziano é a inclusão do aspecto social no fenômeno da guerra. Todas as preocupações em termos de saúde, segurança pública, assistência às populações afetadas pelo conflito e a tentativa de angariar apoio para a própria causa e diminuir as forças morais da resistência popular podem ser vistas como a confirmação dos fatores culturais e populacionais como variáveis do processo decisório das Guerras de Quarta Geração.

Assim sendo, todos os pontos levantados por Alessandro Visacro como basilares do modelo de Guerras de Quarta Geração, e argumentados neste trabalho como contrapartidas ao Paradigma Clausewitziano encontraram passagens relacionadas na Segunda Guerra do Golfo. Inúmeras outras podem ser levantadas e abordadas, bastando uma pesquisa mais aprofundada nos bancos de dados dos órgãos de imprensa trabalhados, o que apenas reforçaria a hipótese de que a Segunda Guerra do Golfo pode ser vista como um conflito da Quarta Geração de Guerras.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A finalidade deste artigo foi a de testar a aplicabilidade da Teoria de Conflitos de Quarta Geração para a Segunda Guerra do Golfo de 2003, utilizando-se do método indutivo. Após a análise dos argumentos expostos no capítulo anterior, e calcado ao longo de todo este trabalho, nota-se que a Teoria de Guerras de Quarta Geração é um instrumento válido para análise da Segunda Guerra do Golfo de 2003. A Teoria das Guerras de Quarta Geração teve grande destaque e recorrência nas revistas especializadas justamente por estar adequada à nova geração de conflitos armados.

O que se observa numa rápida leitura das revistas especializadas, em especial à publicação *Military Review* do US Army Combined Arms Center, que ao invés de refutarem, a maioria dos artigos publicados gravitam em torno da temática da Quarta Geração de Conflitos confirmando-a, não havendo, no período das publicações utilizadas por este autor para a revisão da literatura, quaisquer outras propostas confrontantes à teoria de Quarta Geração de Conflitos. A explicação mais plausível para a alta recorrência do novo modelo em publicações são as confirmações empíricas das previsões de Lind de 1989 nos conflitos do pós-guerra fria. Porém o enriquecimento deste novo modelo passa pela existência de um debate teórico, inexistente para o caso da teoria de Conflitos de Quarta Geração, que traria o aprofundamento necessário e estimularia novas pesquisas no mesmo sentido.

Mas mesmo que as categorias apresentadas pela teoria da Guerra de Quarta Geração sejam válidas para a maioria das guerras da atualidade, muitos dos instrumentos carecem de maior embasamento teórico, aprofundamento e de maiores estudos para detalhá-las, conforme crítica do então Major do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos Kenneth McKenzie (1993, p. 53-55) sobre a metodologia e a fundamentação histórica de William Lind. As definições propostas por Lind em 1989 precisam, portanto, serem testadas mais vezes em outros estudos de caso, ainda hoje escassos, para ratificar a teoria.

Quem também criticou as bases conceituais do modelo de Quarta Geração foi Echevarria II (2012). Segundo este autor, William Lind somente unificou várias propostas teóricas num único apanhado de ideias, sem trazer nenhuma novidade conceitual. Entretanto, a crítica seria mais contundente se focasse o fato de que as previsões da teoria de Quarta Geração tinham igual probabilidade de não se concretizarem por serem visionárias, e que se a teoria acertou em suas previsões mesmo sem a ratificação acadêmica, isto se deu por obra do acaso.

Uma consequência da superficialidade teórica e metodológica é que, por não conter solidez conceitual nem estudos de casos concretos em quantidade e variedade de guerras nas quais se possa aplicar este modelo teórico, não se deve criar a expectativa – e a bem da verdade, em nenhum momento Willian Lind diz que assim o pretende – de que a teoria das Guerras de Quarta Geração estabeleça um novo paradigma de estudos sobre a guerra, tampouco que se substitua o Paradigma Clausewitziano.

O Paradigma Clausewitziano, mesmo não sendo o foco deste estudo, após a confecção do estado da arte, mostrou-se ainda coerente e abrangente, com profundidade conceitual e correlação com as ações dos atores internacionais nos conflitos armados, permitindo inúmeras possibilidades de adaptações aos dias de hoje. E é no campo das atualizações ao Paradigma Clausewitziano que o modelo teórico de Guerras de Quarta Geração melhor se encaixa.

A combinação entre o Paradigma Clausewitziano e a Teoria de Guerras de Quarta Geração indica o provável escopo teórico que preveja e descreva os próximos conflitos armados com maior acerto. Esta combinação é facilitada em virtude das semelhanças metodológicas (empirismo e método indutivo), das motivações de ambos os formuladores das teorias (militares que estavam em meio a uma Revolução em Assuntos Militares) e das finalidades dos trabalhos em tentar descrever como serão as próximas guerras e como melhor se preparar para elas.

Os centros de estudos de política internacional e de defesa no Brasil devem observar atentamente os ensinamentos colhidos por outros países que costumam envolver-se em guerras, e fomentar estudos no sentido de adaptar estes ensinamentos à realidade brasileira. Por ser um país de vocação pacífica, é fundamental o aproveitamento de experiências das nações mais belicosas para não incorrer no erro de manter os sistemas de defesa desatualizados frente à realidade internacional. Daí um estudo como o deste artigo ser relevante para o meio acadêmico nacional e para a adequação da Política Nacional de Defesa para os possíveis confrontos que o Brasil possa se envolver.

REFERÊNCIAS

AJEELY, Sa'ad Al. *The Baghdad Project: One Hundred Voices and One Hundred Faces To Tell You A Story About War*. Disponível em: <<http://www.baghdadproject.com/109.html>>. Acesso em: 14 mar. 2013;

CAVE, Damien. *2007 Is Deadliest Year for U.S. Troops in Iraq*. *New York Times*. Nova Iorque, 7 nov. 2007. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2007/11/07/world/middleeast/07iraq.html>>. Acesso em: 14 mar. 2013;

CLAUSEWITZ, Carl Von. **Da Guerra**. Tradução Luiz Carlos Nascimento e Silva do Valle. Disponível em: <<https://www.egn.mar.mil.br/arquivos/cepe/daguerra.pdf>>. Acesso em: 28 fev. 2012;

CORREIA, Pedro Pizarat. Repensar a guerra: o fim do monopólio clausewitziano. **Revista Janus**: Universidade de Coimbra, 2002. Disponível em: <janusonline.pt/docs2002/artigo_janus2002_1_1_2.doc>. Acesso em: 18 dez. 2012;

CUNNINGHAM, Timothy. *Strategic Communication in the New Media Sphere. Professional writing collection of Office of the Chief of Public Affairs*. Disponível em: <<http://www.army.mil/article/48802>>. Acesso em 14 mar. 2013;

ECHEVARRIA II, Antulio J. *Fourth Generation War and other myths*. Disponível em: <www.StrategicStudiesInstitute.army.mil >. Acesso em: 28 fev. 2012;

ECHEVARRIA II, Antulio J. *The problem with fourth generation war*. Disponível em: <www.StrategicStudiesInstitute.army.mil >. Acesso em: 28 fev. 2012;

ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO. **Evolução da Arte da Guerra e do Pensamento Militar** - Coletânea de Notas Suplementares, Rio de Janeiro, 2006;

FALK, Richard. *Lessons to be learnt from the Iraq War*. *Al-Jazeera*. Doha, 14 mar. 2013. Disponível em: <<http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2013/03/2013361029140182.html>>. Acesso em: 15 mar. 2013;

FILKINS, Dexter. *844 in U.S. Military Killed in Iraq in 2005*. *New York Times*. Nova Iorque, 1º jan. 2006. Disponível em:

<http://travel.nytimes.com/2006/01/01/international/middleeast/01iraq.html?_r=0>. Acesso em: 14 mar. 2013;

FRONTEIRAS, Médicos Sem. **MSF Timeline. 2003 US Invades Iraq**. Disponível em: <<http://www.doctorswithoutborders.org/aboutus/timeline.cfm>>. Acesso em: 14 mar. 2013;

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA. **Iraq survey finds child health sliding**. Disponível em: <<http://www.unicef.org/newsline/2003/03pr34iraq.htm>>. Acesso em: 14 mar. 2013;

HOBBS, Thomas. **O Leviatã**. Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. Disponível em: <www.dhnet.org.br/direitos/anthist/marcos/hdh_thomas_hobbes_leviatan.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2013;

JABIR, Radha Abud. **The Baghdad Project: One Hundred Voices and One Hundred Faces To Tell You A Story About War**. Disponível em: <<http://www.baghdadproject.com/92.html>>. Acesso em: 14 mar. 2013;

KEEGAN, John. **Uma História da Guerra**. Tradução Pedro Maia Soares. Companhia das Letras, São Paulo: 2006;

KNOX, Williamson; MURRAY, MacGregor. **The Dynamics of Military Revolution, 1300-2050**. Cambridge University Press, Nova Iorque: 2001, *apud* STEPHENSON, Scott. *A Revolução em Assuntos Militares: 12 observações sobre uma ideia fora de moda*. **Revista Military Review**. Edição Brasileira: Fort Leavenworth, Jul-Ago 2010;

KOTEZ, Daniel Naum Sobral. A questão da legalidade da Segunda Guerra do Golfo. **Revista Jus Navigandi**. Disponível em <<http://jus.com.br/revista/texto/5024/a-questao-dalegalidade-da-segunda-guerra-do-golfo>>. Acesso em 28 fev. 2012;

LIND, Willian S. Compreendendo a Guerra de Quarta Geração. **Revista Military Review**. Edição Brasileira: Fort Leavenworth, Jan-Fev 2005;

LIND, W.; NIGHTENGALE, K.; SUTTON, J.; WILSON, G.; SCHMITT, J. **The Changing Face of War: Into the Fourth Generation**. Disponível em: <http://www.dnipogo.org/fcs/4th_gen_war_gazette.htm>. Acesso em: 28 fev. 2012;

MCKENZIE, Kenneth. *Elegant Irrelevance: Fourth Generation Warfare*. **Parameters**, (Outono 1993), p. 51–60. Disponível em: <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=4&cad=rja&ved=0CEgQFjAD&url=http%3A%2F%2Fwww.carlisle.army.mil%2FUSAWC%2Fparameters%2FArticles%2F1993%2F1993%2520mckenzie%2520elegant%2520irrelevance.pdf&ei=Qi5fUfNBy-_RAY_BgJgG&usg=AFQjCNFYl4xp4-SJpJJ1xuRJ6IDWpRftYg&sig2=Moc7-yu3sVExz2Wi-oc8GA>. Acesso em: 04 abr. 2013;

PIMENTEL, Luiz Paulo Gomes. **A Logística Militar Americana na Segunda Guerra do Golfo**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Academia Militar das Agulhas Negras, Resende, 2007;

RIBEIRO, Carlos Jorge de Oliveira. **As Operações Militares na Era da Informação e da Comunicação**. Disponível em <<http://www.academiamilitar.pt/proelium-n.o-2.html>>. Acesso em: 28 fev. 2012;

STOCKHOLM INTERNATIONAL PEACE RESEARCH INSTITUTE. **Yearbook 2012 – Military Expenditure**. Disponível em:<<http://www.sipri.org/yearbook/2010/05>>. Acesso em: 20 set. 2012;

STEPHENSON, Scott. A Revolução em Assuntos Militares: 12 observações sobre uma ideia fora de moda. **Revista Military Review**. Edição Brasileira: Fort Leavenworth, Jul-Ago 2010;

UNITED STATES ARMY. **Office of the Chief of Public Affairs: Media Relations Division**. Disponível em: <<http://www.army.mil/media/resources>>. Acesso em: 14 mar. 2013;

VISACRO, Alessandro. Desafio da Transformação. **Revista Military Review**. Edição Brasileira: Fort Leavenworth, Mar-Abr 2011.